

O passado redescoberto

# O passado redescoberto

**Diogo Guedes**

dgduarte@jc.com.br

Consagrado em 2007 por *O filho eterno*, vencedor dos prêmios Portugal Telecom, São Paulo e Jabuti, Cristovão Tezza se consolidou como um dos principais autores contemporâneos do Brasil. No seu mais recente livro, *Beatriz*, o romancista se dispõe a voltar para um formato que há muito não explorava, as narrativas curtas, presentes apenas nos seus renegados primeiros lançamentos, que traziam a marca de um escritor testando as técnicas literárias. Os sete contos retomam não só a revisora de textos que havia aparecido em *Um erro emocional*, mas, em dois momentos, o protagonista da obra, o autor Paulo Donetti. Na entrevista abaixo, Tezza comenta a dificuldade de se dedicar a histórias breves e conta como cria suas narrativas. “Jamais desenhei um personagem a partir de pessoas concretas. Todos os meus personagens são seres coletivos, Frankensteins”, define o romancista.

**J**ORNAL DO COMMERCIO – Por que essa volta ao formato dos contos tardiamente?

**CRISTOVÃO TEZZA** – Os

lhando a mesma personagem, o que criou uma relação entre as histórias ou, pelo menos, uma familiaridade. Mas o livro só fica em pé se, de fato,

### O passado redescoberto

contos aconteceram por acaso, depois que terminei *O filho eterno*. De fato, passei uns 30 anos sem escrever história curta. Depois do primeiro conto, que me aconteceu num rompanete, recebi algumas encomendas para antologias e revistas, e retomei aquela primeira Alice em algumas histórias. Comecei a pensar organicamente na personagem, mais do que propriamente nos contos avulsos. O resultado é que o livro acabou tendo uma unidade bastante fechada, quando decidi publicá-los.

**JC - Você se sentiu inseguro em voltar a publicar contos? Sente-se mais confortável nos romances?**

**TEZZA** - Enfrentei os contos com um certo espírito de aventura. Comecei a achar um tanto absurdo que, depois de dez romances, não me sentisse capaz de escrever contos. E havia um lado prático: muitos convites para antologias e revistas, e eu dizendo "não" porque "não escrevo contos". Era hora de acabar com isso e encarar o gênero. Mas, de fato, eu sempre me senti melhor escrevendo romances, narrativas longas. É um modo diferente de entrar no texto, sem a pressa do conto. Mas agora estou gostando da brincadeira, por assim dizer. Já estou com duas ideias de histórias curtas martelando minha cabeça. Mas as duas com a mesma Beatriz.

**JC - Os relatos de Beatriz nasceram em momentos diferentes e com intuítos diferentes, mas, no livro, parecem ter uma unidade. O que, para você, os torna tão independentes e tão próximos as-**

os textos funcionarem independentes uns dos outros.

**JC - Para você, os personagens realmente surgem de forma penosa? Como eles se tornam material literário?**

**TEZZA** - Sim. A composição de um personagem é sempre um processo bastante complexo para mim. A primeira exigência que eu faço a mim mesmo, inegociável, é que ele não seja meu porta voz. Um personagem é um outro, é um estranho. Você pode ter pontos de contato com ele, pode sentir uma grande empatia, mas jamais se confundir com ele. Forcei esta regra até mesmo n'*O filho eterno*, que é um livro quase que totalmente baseado na minha própria vida. Mas tive de me afastar daquele pai, ou o livro fracassaria. Outro ponto é que o personagem é sempre uma figura social, alguém que concentra traços de uma cultura comum, e é por isso que um bom personagem é sempre interessante. Ele é alguém próximo. Enfim, o personagem, apesar de toda a sua ponte com o que se chama "realidade", é um ser feito de linguagem, o que é outro mundo. Daqui para a frente, entrego-me à intuição.

**JC - Mesmo sendo uma mulher, o que impede a aproximação completa com a sua vida pessoal, a personagem Beatriz é uma revisora de texto, como você foi. O que há de experiência sua nas narrativas do livro? O ofício de revisor é uma forma agradável de estar próximo ao ofício de escritor?**

O passado redescoberto

SUMI:

**TEZZA** – Bem, o conto é um gênero fechado: você tem de resolver o texto e a história naquelas 10, 15 páginas, e tem de dar ali todos os elementos para a recepção completa do que você escreveu. Esta é a independência do conto. Mas, como alguém atormentado pelo fantasma do romancista, fiquei retraba-

**TEZZA** – Todo escritor aproveita elementos de sua vida pessoal para colocar nos seus livros. A prosa trabalha muito com o mundo concreto, com o dia a dia das pessoas. Quanto mais o autor conheça os detalhes práticos do seu personagem, tanto melhor o resultado. Beatriz incorpora, ou sintetiza, todo um mundo de experiências que eu vivi no curso de le-

---

“O conto é um gênero fechado: você tem de resolver a história em 10, 15 páginas, e dar ali os elementos para a recepção completa do que escreveu”

---

tras, pessoas com quem convivi na vida universitária e escolar, etc. O ofício de revisor é um bom trabalho para quem se aventura nas letras e um bico interessante para estudantes. Pode ajudar a sobrevivência, o que é tudo que um escritor precisa.

**JC – Paulo Donetti diz, no discurso do conto de abertura, que a matéria-prima da literatura é o desprezo pelas pessoas – ou seja, que o escritor deve se alimentar deles para construir suas histórias. Você faz mesmo esse canibalismo? Seus personagens são inspirados em pessoas que você conheceu?**

**TEZZA** – Veja bem: eu não sou Paulo Donetti. Na verdade, me divirto um pouco com ele, com aquela falta de freio, aquele desajuste essencial diante dos outros. Ao mesmo tempo, ele deixa escapar boas verdades sobre o mundo literário, mas é o desespero dele que me interessa, mais do que o fato em si. Meu narrador nunca é

## O passado redescoberto

um jornalista dizendo “verdades”. Ele é um permanente criador de situações ambíguas. Sobre a inspiração para os personagens: jamais desenhei um personagem a partir de pessoas concretas. Todos os meus personagens são seres coletivos, Frankensteins, mosaicos de caracteres diferentes.

**JC – Esse mesmo conto aborda em parte a rotina de palestras dos autores hoje. É difícil conciliar isso com o ato da escrita? Você se sente com menos tempo para criar depois do sucesso de *O filho eterno*?**

**TEZZA** – Depois que me demiti da universidade, fiquei com muito mais tempo para escrever. Mas continuo, infelizmente, tendo de sobreviver, e aí entrei num circuito de palestras, participação em feiras literárias etc. É um trabalho muito interessante, tenho viajado pelo País todo falando de literatura. Mas, é claro, depois de um momento senti que tinha de controlar melhor o meu tempo,

ou ficaria numa dispersão só. Escrever me exige um bom tempo de paz e de rotina. Este ano já foi bem mais tranquilo para mim.

**JC – No que está trabalhando atualmente? Deve lançar um novo livro em 2012?**

**TEZZA** – Estou terminando um ensaio, com toques autobiográficos, chamado *O espírito da prosa*, que deve sair em junho de 2012 pela Civilização Brasileira. É um livro em que falo sobre o romance e a prosa de ficção e sobre a minha formação de escritor. Também discuto alguns aspectos do quadro mental que formou minha geração, os escritores que amadureceram nos anos 1960 e 1970. Não é um livro acadêmico, é um ensaio livre, uma conversa de escritor. E a Record vai publicar uma coletânea das crônicas que assino semanalmente na Gazeta do Povo, aqui de Curitiba. Será organizada e apresentada pelo tradutor e jornalista Christian Schwartz.

O passado redescoberto



O passado redescoberto

# Um fio condutor chamado Beatriz

Os personagens podem ser o tormento – o tormento produtivo, é bom ressaltar – de um escritor. É isso que *Beatriz*, novo livro do premiado escritor Cristovão Tezza, demonstra. Mais do que uma coletânea de contos, a obra traz sete histórias independentes entre si, mas que têm em comum personagens antigos do universo do autor.

Conhecido por sua produção como romancista, capaz de narrativas psicológicas impressionantes, Tezza conta no prólogo da edição que começou o livro ainda em 2006, antes do lançamento do consagrado *O filho eterno*. O protagonista dessa primeira história se tornaria no futuro o escritor Paulo Donetti, de *Um erro emocional*. No relato, ele encontra um desafeto, autor bem-sucedido, e decide roubar a sua namorada. Na primeira versão do conto, ela se chamava Alice, mas viria depois a ser tornar Beatriz, figura também presente no último romance do autor.

*Beatriz e o escritor* e *A viagem* são os únicos momentos em que o leitor não se encontra vendo o mundo pela ótica da divorciada revisora de textos de 28 anos, mas sim pelos irônicos e “desesperados” pensamentos de Donetti. Nas demais histórias, a personagem dá aulas de reforço escolar, recebe propostas para fazer correção de textos, transcreve as lembranças de uma velha senhora, organi-

histórias. “Para não dizer que sou um escritor sem imaginação, o que seria um exagero mortificante, diria que sou um escritor de pouca imaginação fabular”, ele explica no prólogo.

De fato, os acontecimentos do livro importam menos por serem fantásticos ou inesperados e mais por suas consequências nos personagens, essas figuras fundamentais para Tezza. É porque existe prévia e posteriormente uma Beatriz e um Paulo Donetti que as histórias possuem um sentido comum, ou seja, acrescentam algo a uma narrativa maior, que permanece inconclusa como se fosse uma vida que é acompanhada por apenas alguns instantes.

O próprio papel dessas figuras mostra a inversão que Tezza fez do conto. Para ele, as histórias curtas são espécies de laboratórios em que o autor pode testar como funcionam as instâncias íntimas de cada um dos protagonistas. Tratando-se de alguém “atormentado pelo fantasma do romancista”, como ele se confessa na entrevista ao lado, não há outra forma de se livrar dos personagens. É preciso esgotar suas possibilidades antes, desvendá-los por completo.

*O homem tatuado*, conto que encerra o livro, é um grande exemplo da habilidade narrativa de Tezza. Nele, pouco acon-

#### O passado redescoberto

za o acervo de um sebo e vive um estranho encontro amoroso com um colega de faculdade.

São relatos simples, em que a narrativa se confunde com as opiniões e sentimentos da própria Beatriz. Segundo Tezza, seu maior receio de trabalhar com contos era o de não conseguir inventar enredos que se fechassem tão rapidamente e fossem independentes de outras

tece, mas a insegurança e a atração que Beatriz sente pelo enigmático e jovial Daniel prendem o leitor para além da duração do relato – não é por acaso que o próprio catarinense já pensa em criar novas histórias para os personagens. **(D. G.)**

○ Beatriz, de Cristovão Tezza, Editora Record, 144 páginas, R\$ 35